

Capítulo 4

Considerações Finais e Desenvolvimento de Questões

Considerando o que foi apresentado nos capítulos anteriores, pretendo nestas considerações finais delinear uma possível interpretação do trabalho de Heidegger em sua análise sobre a lida com a técnica e com a natureza, bem como sinalizar algumas dificuldades que produzir tal interpretação apresenta. A primeira dificuldade enfrentada é a da linguagem. Todas as palavras ganham traços bem próprios no pensamento de Heidegger e, por isto, devem ser cuidadosamente empregadas quando discutimos seus textos. Ainda assim corremos o risco de que a compreensão apresente lacunas, sobretudo por se concentrar nos dois textos mencionados (levando-se em conta a dimensão do trabalho deste filósofo e de seus muitos intérpretes). Mas esse foi um limite imposto ao trabalho pelo seu escopo.

Outra dificuldade básica se refere à maneira como construímos contrastes e distinções para identificar os fenômenos que se apresentam e que compõem o que costumamos chamar de realidade moderna ou contemporânea, e para compartilhar um pensamento sobre ela e sobre os elementos que a constituem e constroem. Heidegger parece indicar uma alternativa quando nos fala em *serenidade*, na qual não nos é exigido determinar absolutamente e classificar cada coisa em contraste ou oposição às outras, pois se trata de um simultâneo sim e não (no caso, à dominância técnica), proibido para os critérios da lógica tradicional. A presente investigação, por sua vez, é construída utilizando termos e expressões que são atravessados por compreensões que se inserem em um movimento de pensamento já condicionado pelo hábito da técnica e da abordagem científica. Por isto é interessante destacar que estas expressões pretendem indicar aqui apenas um percurso de compreensão. O que se pode fazer é sugerir que neste percurso sejam observados os tais “sim e não” simultâneos, pensando que, além de uma interpretação orientada para os moldes de um trabalho acadêmico de filosofia, estes objetos de investigação exigem uma proposta de abordagem e de interpretação alternativas (da realidade) apresentadas por Heidegger.

Os motivos que levaram este tema a ganhar tanto espaço são já bastante discutidos, porém, a partir de uma reinterpretação das obras de Heidegger

pretendemos contribuir com o trabalho que já vem sendo feito nas várias tentativas de pensar a transformação do ambiente, do corpo e do comportamento humano, bem como a destruição e construção de relações com as quais nos deparamos em função da constante presença dos modos técnicos de ser. Estas transformações têm se manifestado de forma cada vez mais radical e isto exige ao pensamento que se adapte à nova disposição do mundo, percebendo o que se transformou ou permaneceu, isto é, que relações deixaram de ser como eram e que outras relações surgiram.

No primeiro capítulo revimos algumas das transformações pelas quais passamos devido às relações que estabelecemos com a natureza e com a técnica – por exemplo, as possibilidades que a energia elétrica trouxe, aumentando nosso período diário de trabalho e reorganizando o espaço geográfico e físico em função de suas necessidades de produção. Esta produção depende da visão da natureza enquanto fonte a partir da qual extraímos energia para transformar em corrente elétrica. Considerar um rio como possibilidade para a produção de energia elétrica é, de certa forma, destruí-lo enquanto o que era e construí-lo em uma nova perspectiva. Destruir tem aqui o sentido de desfazer as relações (materiais e não materiais) que este possuía com suas margens, com seu interior e com os elementos que compõem seu entorno (pedras, habitantes, vegetação, fauna, etc.) e construir novas relações que sejam constituintes de sua nova condição (a relação que o rio estabelece com o material de que é feita a aparelhagem responsável por transformar e medir a pressão da água, com a corrente elétrica, com o engenheiro que planeja a instalação da usina, etc.).

Se relações estão sendo destruídas e construídas e contam, para isto, com nossa participação, é interessante que pensemos sobre como estamos participando desta transformação e qual o alcance e limite de nossas ações. Também devemos questionar que direção estas relações estão tomando e se desejamos (e em que medida podemos) reorientar nossa conduta e alterar seu curso. Decidir isto implica definir certos “valores” que sirvam de referência para o rumo que pretendemos tomar.

A utilização da palavra *valor* traz, na verdade, um problema no que concerne à reflexão de Heidegger (sobretudo em *Sobre o Humanismo*) sobre a aproximação que fazemos das coisas através da atribuição de valor. Analogamente à redução e limitação que acontece quando dedicamos exclusividade ao

pensamento calculativo, há uma limitação quando representamos ou pensamos as coisas através de valores. Há modos mais essenciais de percebê-las e estes modos passam despercebidos quando percebemos apenas como um valor. Se limitarmos nossa reflexão ao valor daquilo sobre o que pensamos, coloca-se uma barreira ao questionamento de seus fundamentos e, neste sentido, valorizar é empobrecer e limitar. O valor não alcança a dignidade essencial do que é pensado, pois nem ao menos permite que seja pensado de modo essencial.

Em função deste problema, para fazer uso desta palavra torna-se conveniente uma explicação sobre o que entendo aqui por valor, considerando que esta palavra não é utilizada por Heidegger nos textos aqui discutidos para tratar daquilo que se deseja salvar, mas, ao mesmo tempo, sua leitura imprime a ideia de que há relações mais fundamentais e mais fortemente ligadas à essência de cada fenômeno, que merecem prioritária atenção. Heidegger parece defender que estas relações devem ser preservadas caso se pretenda que os fenômenos (neste caso, homem, natureza e técnica) não deixem de ser o que são, para que estas relações não sejam perdidas e outras radicalmente diferentes venham em seu lugar. Digo que estas relações aparecem como valiosas quando desejamos cultivá-las e preservar sua existência. Interpretando Heidegger, o homem e a natureza possuem relações que parecem valer mais por garantirem a manutenção da essência destes e por estarem enraizadas em um contexto originário, que definiu o surgimento de algo. Estas relações são, respectivamente, o *pensamento meditativo* e a *abertura para o mistério* (o mistério daquilo que se oculta na natureza sempre que esta se mostra de alguma maneira), tomados como mais fundamentais em relação ao que atualmente predomina, a saber, o pensamento calculativo e o controle. O valor a elas atribuído se radica na sua propriedade e na sua força de ligação com a essência do que entendemos por homem e natureza.

Em outras palavras, estas relações lhes são “hierarquicamente” mais próprias e mais fortemente ligadas à sua essência do que outras. Por isto “valem mais”, se desejamos que homem e natureza não se transformem em outra coisa. Porém, há relações menos essenciais que constituem uma abordagem da realidade fundamentalmente ligada à essência da técnica moderna que estão sendo priorizadas em função da dimensão alcançada por esta técnica.

Podemos tentar listar acontecimentos relacionados à técnica, mas, para apontar seus efeitos como próprios ou impróprios à natureza e ao homem, é

preciso tomar uma referência, ainda que esta referência seja dinâmica ou aberta – como um momento mais inaugural ou essencial. Assim é também para decidir o que queremos ser e como queremos viver enquanto humanos, isto é, entre todas as possibilidades que se mostraram para a relação entre técnica, homem e natureza qual delas nós iremos escolher, ainda que provisoriamente.

Se há um grupo (especialmente os ecologistas) que afirma se sentir ameaçado pelos efeitos da técnica, defendendo uma mudança de atitude, suponho que na base de seu pensamento estes valores já estão presentes, pois, ao manifestar o desejo de preservar algo, consideramos que seja valioso e que a transformação que se afigura seja radical a ponto de fazer com que aquilo que era valioso desapareça para que outro tome seu lugar. A importância que atribuem àquilo que está em risco permanece em conflito com a direção das ações humanas e isto leva à necessidade de repensá-las. Isto é, se através de nossas ações estamos contribuindo para a destruição de algo que nos é caro, ao percebermos isto buscaremos reconduzi-las. É importante, portanto, mais uma vez tentar entender o que estamos perdendo e como podemos (se é que podemos) evitar que isto se perca.

Heidegger nos fala que a técnica essencialmente oferece um perigo, e um perigo é algo que antecede e aponta para uma possibilidade de destruição ou de transformação radical de relações, inclusive pelo bloqueio de relações essenciais de empenho em outras relações possíveis, porém menos fundamentais e próprias. Entendido desta forma, o perigo chama a atenção para aquilo que é destruído, que deixa de estar aí ou que permanece, mas de modo radicalmente outro. Isto pode acontecer também em uma diminuição das possibilidades, uma restrição a apenas alguns de seus aspectos, sendo ainda mais grave quando estes não são seus aspectos mais próprios.

A possibilidade essencial do homem colocada em risco e que se mostra no contexto grego pré-socrático tomado como mais inaugural consiste no pensamento meditativo, uma forma de abordagem da realidade que garante a possibilidade de descobri-la de outra forma que não através do cálculo e da quantificação característicos da ciência moderna, na qual se apoia a técnica moderna. Para a realidade e para a natureza, o mistério e o oculto, incalculáveis e imprevisíveis, aparecem como relações fundamentais colocadas em risco pelo domínio da abordagem técnica. O pensamento a partir do qual a produção da

técnica moderna acontece não permite a consideração destes aspectos da realidade, pois para ele tudo só se manifesta naquilo que pode ser medido e controlado.

O perigo essencial da técnica também nos chama a atenção para a importância que atribuímos a estas relações (entre homem e da natureza), tão significativas que nos impelem a buscar uma salvação, como a mencionada por Heidegger, para que a destruição não aconteça. Mas, por que devemos nos esforçar para manter as relações originárias? Por que o humano e a natureza não podem simplesmente ser destruídos dando lugar a outras manifestações (ainda que a mesma palavra seja empregada para se referir a este novo fenômeno)? Como garantir que a destruição do humano e da natureza, nos moldes em que os concebemos não se apresente como “destino”, em sentido usual¹? Se Heidegger considerava que determinadas relações que o homem estabeleceu consigo e com a natureza são mais fundamentais e dignas de permanecer do que as que estão sendo estabelecidas, esta posição deve influenciar sua análise da técnica e sua contribuição para o presente trabalho. Além de tentar identificar as relações apresentadas por ele como mais fundamentais (o pensamento meditativo, indicado na análise do contexto grego antigo) queremos pensar se estas são ainda hoje o que se deseja manter para que o ser humano permaneça. Deve-se, além disto, refletir sobre que outros contextos, além do grego antigo, mostram aquelas relações, por entender que elas não se limitam a um contexto em especial, mas que são principalmente identificadas por seu vínculo com relações originárias e com a própria essência daquilo que tem uma origem, a saber, o humano.

Heidegger nos aponta algumas distinções quando fala em “mais inaugural” e “mais originário”, mas é difícil dizer se elas funcionam apenas como recurso para comunicar sua interpretação ou se indicam uma escala de importância e estabelecem uma hierarquia. Não é tarefa simples selecionar um momento – e as relações que o constituem – como inaugural e dizer que algo nele deve ser

1 Quanto ao termo *destino* (referente à palavra alemã *Geschick*), o capítulo 2 traz um esboço de como ela aparece no texto *A questão da Técnica*, o qual previne que ele seja entendido como inevitável ou como única possibilidade ou forma mais própria para o desdobramento de uma essência. É importante esclarecer, além disto, que *destino* não significa um objetivo a ser alcançado, mas algo que nos é enviado e ao mesmo tempo abrindo e limitando possibilidades e projetos. Embora não seja longamente discutida, a relação entre destino e orientação das ações tangencia as questões aqui discutidas.

conservado, ser salvo. Ao mesmo tempo em que Heidegger parece propor a observação do contexto grego como mais enraizado e essencial, ele sinaliza com a possibilidade de pensar a origem e suas relações fundamentais para admirar-se com seu desdobramento, não necessariamente para tentar renovar o passado. Isto é, embora existam tais relações, e que estas possam ser observadas no contexto grego pré-socrático, não se trata de tentar reproduzi-las em nosso contexto. O caminho que trilhamos descobriu este destino entre outros possíveis. O que podemos fazer é tentar perceber que relações se mostram mais fundamentais, mais fortemente ligadas à um contexto de surgimento daquilo que pretendemos que perdure e, assim, fazer com que nosso pensamento se aproxime da compreensão de sua essência.

Relacionando esta reflexão com o problema da técnica no contexto atual, há que se pensar o que queremos preservar quando buscamos alternativas menos poluentes e sustentáveis de participar da técnica. Isto é, pensar quais são as relações que estamos destruindo e construindo e qual a contribuição de cada uma delas para o que buscamos atualmente (mas não apenas atualmente). Heidegger propõe prestar atenção a um contexto mais inaugural da compreensão e da denominação do fenômeno técnico quando observa as relações que existiram antigamente. Partindo daquele contexto e tendo em conta suas transformações ele procura indicar o modo como se desenrolou a relação entre o ser humano e a técnica, se admirar com o destino que se descobriu para esta relação.

Quanto a isto, se considerarmos a importância da ligação com o lugar (e contexto) em que cada coisa surge e desenvolve-se, a origem grega mencionada por Heidegger deve se referir principalmente à forma como aquela região e povo produziram suas compreensões, porém cada região deve possuir seus próprios contextos originários a serem pensados (considerando que a antiguidade grega não deva ser tomada como único que reúne as relações que conduziram ao surgimento do ser humano, da técnica e da forma de abordar a natureza mais própria para a manutenção da essência destes fenômenos). A maneira como cada povo concebe a realidade, a natureza e a si próprio possui suas próprias características, bem como a maneira como cada um manifesta sua técnica. Notemos que o problema em considerar qual é a origem do humano, qual o seu momento inaugural, é de dimensões muito superiores ao espaço que este trabalho permite, estando na base do tema aqui discutido, sem ser seu objeto de discussão. Pois, para determinar um

momento essencialmente inaugural do ser humano – que situação reuniu as relações mais próprias à essência do humano – precisamos ter uma concepção (ao menos provisória) do que é ser humano, que relações são essenciais participando dos diversos contextos em que vivemos e das formas como nos manifestamos ao longo de nossa existência, desde nossos ancestrais até os dias de hoje e, assim, localizar em que contextos estas relações puderam se manifestar. Heidegger parece localizar este contexto na antiguidade grega, mas não como único ou de modo absoluto, permitindo a exploração de momentos anteriores e posteriores (cronologicamente) nos quais a relação essencial homem-natureza-técnica esteja presente.

Por isto permanece a questão sobre quais seriam as relações próprias a um momento original do ser humano as quais consideramos dignas de serem mantidas a salvo da destruição que se anuncia no momento que vivemos atualmente. Se outros momentos na existência da humanidade podem ser considerados “mais inaugurais” do que o grego – no qual tradicionalmente consideramos que surge a filosofia – essa é uma questão que deve envolver variadas formas de conhecimento, atualmente alienadas umas das outras e separadas em disciplinas (e que se apoiam principalmente nos dados da ciência moderna).

De todo modo, podemos perceber o contexto em que a relação homem-técnica-natureza que herdamos surgiu, para atualizarmos nossa compreensão de nós mesmo e de nosso destino, mas considerando possíveis limitações em nosso acesso a este complexo de relações originais. Quando estabelecemos uma situação como inaugural (o contexto grego antigo, por exemplo) sempre isto é feito conforme as situações aparecem para nós, e, como Heidegger nos diz, o primordial aparece para nós, por vezes, apenas posteriormente. Somos capazes de perceber e comparar entre si alguns momentos da relação do homem com a técnica e com a natureza (como o grego antigo e o ocidental moderno), mas nossa percepção não esgota ou alcança completamente estas relações e estes momentos. Muito do que compõe a essência da lida com a técnica e com a natureza pode estar ainda ou definitivamente oculto para nós.

Se nós pretendemos preservar determinadas relações de um momento inaugural concebendo-as como algo valioso, devemos propor uma atitude através da qual possamos contribuir para que se mantenham. Esta atitude não diz respeito apenas às chamadas ações práticas, mas também à atitude do pensamento, ao

modo como abordamos a realidade. Heidegger parece analisar o modo explorador da técnica moderna pelo qual o homem descobre a natureza como um modo que não é exclusivo e muito menos mais valioso. Se há alguma hierarquia entre as formas de desencobrir a realidade, a forma da técnica moderna não é, inclusive, apresentada como superior. Mais valiosa seria a maneira antiga.

Mas a valorização de um momento inaugural e da essência de cada coisa (de um sentido que liga continuamente origem e destino através de um enraizamento) permitiu também, muitas vezes, que seu pensamento fosse associado ao nazismo. Porque, se é estabelecido um tipo de hierarquia entre as relações, e o critério que determina se são mais ou menos próprias ao homem é a força de sua ligação com seu movimento de surgir, as relações mais fracamente ligadas a esta origem são menos próprias e menos dignas de serem mantidas. A miscigenação, as transformações das tradições de cada região, as modificações genéticas de plantas e animais bem como o transporte de sementes e espécies de animais para regiões diferentes podem ser consideradas como atentados a algo original que deve ser preservado. O regime nazista buscava a manutenção de algumas destas relações inclusive através do extermínio daquilo que, segundo seu julgamento, as pusesse em risco. A polêmica sobre classificar as relações que são próprias e genuínas está presente na raiz deste tema e a importância dada por Heidegger ao enraizamento e à ligação com a origem – os quais devem ser preservados e salvos para que o humano permaneça sendo humano – foi usada por alguns intérpretes² para associá-lo ao nazismo e à proposta de destruição de toda ameaça à manutenção daquelas relações (de enraizamento) tomadas como originais e genuínas. A falta de vínculo com relações fundamentais constitutivas de seu contexto originário aparece como uma ameaça, como algo indesejável, pois a destruição deste laço afetaria a essência na relação que esta propriamente mantém com a origem, com o surgir.

Realmente parece ser possível encontrar aspectos comuns entre o pensamento de Heidegger e ideais do movimento nazista, porém esta possibilidade é apenas uma entre as inúmeras associações abertas por sua obra. As reflexões da filosofia antes despertam questões e indicam problematizações do

2 Cf. ROCKMORE, Tom. Op. cit.

que orientam ações concretas e pontuais do homem. Se o nazismo aconteceu a partir da convergência de determinadas relações e se apresentou como possibilidade de pensamento e do agir humano (assim como a chamada crise ambiental), ao avaliarmos negativamente sua contribuição neste percurso, ainda podemos manter uma abertura para outras formas de analisá-lo que não através desta atribuição de valor. Por isto, se em seu interior podemos encontrar alguma relação essencialmente humana, pode ser pertinente perceber quais forças dominaram seu sentido para que sua realização fosse desta forma.

A noção de enraizamento renderia um desenvolvimento superior às dimensões deste trabalho. Além disto, podemos observar a reflexão de Heidegger como um exemplo valioso e identificar aspectos distintos entre sua compreensão de enraizamento e a proposta nazista, tendo a primeira o sentido de constância de uma força originária que permanece ligada às possibilidades que se realizam e que podemos tentar perceber mais por uma forma de abordar a realidade e de pensá-la do que propriamente impondo a manutenção de um determinado modelo de vida. Mas, ainda que estejamos de acordo ou, sobretudo se estamos de acordo com o que nos diz o filósofo, é importante construir um pensamento próprio, constantemente percebendo a base em que nos estamos apoiando a cada momento para realizar uma lida com a técnica e com a natureza, diferente desta que estamos realizando.

Como seja, a partir desta primeira análise buscamos indicar por que a questão sobre a relação entre homem, técnica e natureza parece impor-se com tanta força atualmente e expor o que parece ser um suporte para atribuímos tal importância a ela. Perguntamo-nos, além disso, se desde o pensamento de Heidegger até hoje aconteceram transformações significativas na referida relação e em que medida o que ele pensou como salvação da essência do homem é importante para nós ainda hoje.

Recapitulando, discutimos como se insere a pergunta sobre o que é essencial no homem e na natureza para que consideremos que estes se encontram ameaçados pela abordagem técnica e sobre o que desejamos para nossa relação com a técnica e com a natureza. Ao que parece, desejamos que algumas relações constituintes do ser humano e da natureza permaneçam como essencialmente seriam, porém, no meio de tantas transformações é difícil identificar o que entendemos quando nos referimos ao humano e à natureza e que relações

necessariamente lhe seriam próprias para que sejam preservadas. A linguagem e o pensamento até hoje já passaram por diversas transformações bem como as relações estabelecidas entre homem, terra e técnica, mas, se nos sentimos ameaçados especialmente neste momento é porque as relações cujo risco está em evidência são valiosas para nós. Precisamos identificá-las para que possamos cultivá-las. Apenas sua identificação já é um trabalho complexo, mais ainda quando a técnica está se desenvolvendo de maneira que as relações se transformam rápida e radicalmente, nem sempre a partir de uma reflexão sobre a essência da realidade ou sobre o que buscamos enquanto humanos e para onde nos conduzem estas transformações.

No meio de tantas transformações e de tantas possibilidades descobertas pela técnica, ficamos ainda mais divididos sobre o critério para determinar que relações são fundamentais à essência das coisas e a importância de cada uma delas para seu surgimento, visto que estas relações são artificial ou tecnicamente desmembradas. O poder descoberto pela técnica permitiu que as coisas se desenvolvessem e reproduzissem fora de seus contextos inaugurais. O sentido em que se descobre a essência, conforme suas possibilidades, se manifesta hoje em diversas direções. Como Heidegger nos alertou, as possibilidades nos transportes e na comunicação à distância transformaram aquilo que ele chamou de enraizamento. Há atualmente um debate sobre como conciliar “globalização” e tradições regionais, sobre a importância da preservação da riqueza e diversidade destas tradições locais, ligadas às condições naturais, e que se encontra em conflito com a influência de tradições e manifestações culturais de toda parte promovidas pelas novas técnicas e trocas de informação. A vontade de cultivar em um lugar seus costumes e valores transmitidos através de uma educação e de uma convivência encontra outra vontade, a de ter acesso às outras tradições, de ter à disposição o que vai além da tradição local e de não estar limitado a ela. Queremos ter a opção de experimentar as tradições de uma cultura diferente da nossa e, quando nos identificamos com outras tradições queremos cultivá-las. A dificuldade em contemplar estas duas vontades é aumentada pelas facilidades oferecidas pela técnica. Em uma análise mais livre, este dilema remete mesmo à imagem do fruto proibido do paraíso apresentado na Bíblia, que, embora estando ao alcance do homem, não deveria ser experimentado.

Um exemplo atual desta dificuldade está na questão indígena, na qual a vontade de preservação das tradições coloca a necessidade de um lugar com características que permitam perpetuar e cultivar costumes ancestrais. Mas, se a natureza que se apresenta neste lugar já é modificada em relação àquela na qual estes costumes se originaram, quais são as possibilidades de preservá-los? Que transformações e adaptações estas tradições podem desenvolver sem comprometer sua essência? De outro lado, o “mundo civilizado” precisa satisfazer suas demandas e controlar seus recursos e, para isto, influencia de diversas formas a manutenção daquelas tradições, por exemplo, através da burocratização da relação com a terra (legislando sobre os direitos indígenas e delimitando seu território, sobre o período em que é permitida a caça de um determinado animal, sobre vegetações que podem ou não ser extraídas, etc.) e da alteração das condições ambientais em consequência da técnica, especialmente através dos diversos tipos de poluição. Além disto, a sedução que esta técnica desperta pelas possibilidades e poderes que descobre abala a força das tradições, pois estas possibilidades se infiltram e se fixam nos hábitos e nas culturas, destruindo e construindo as relações que estabelecemos com a realidade.

Até aqui buscamos explorar elementos que estão envolvidos e sustentam a questão contemporânea sobre a técnica, tentando entender por que nos consideramos em meio a uma crise ambiental para a qual ela teria contribuído significativamente, isto é, por que avaliamos um destino como próprio para a relação “humano-técnica-natureza” e o consideramos ameaçado pela dimensão que a técnica está alcançando. Chamamos também a atenção para a existência de concepções que devem servir de apoio para que o tema seja desenvolvido desta maneira, nos perguntando o que é essencial e constitui o momento inaugural daquela relação, porém, sem a pretensão de responder conclusivamente às questões, indicamos apenas sua presença. Investigaremos ainda, por fim, outras questões que tangenciam o tema e podem ajudar a abordá-lo.

Avançaremos então para a observação do fenômeno da técnica em si. Caso seja possível estabelecer o que são o homem e a natureza, o contexto em que surgem enquanto tais e as relações que lhes são essenciais, decidindo quais destas relações devem ser mantidas, vislumbra-se a indicação para uma técnica mais própria e essencial, isto é, uma forma de técnica mais adequada ao projeto de continuidade de relações fundamentais para o homem e para a natureza.

Primeiramente supomos que há relações com a técnica que desejamos conservar, pois não podemos conceber o homem desligado da técnica. Até onde temos acesso ao ser humano e sempre que ele se manifesta algum elemento relacionado à técnica está presente. Se há relações que a constituem e são mais fundamentais do que outras e que por isto queremos manter, precisamos identificá-las e tomar a atitude que pode contribuir com esta manutenção. Pensando desta forma concebemos uma espécie de hierarquia de importância (assim como anteriormente para as relações fundamentais ao homem e a natureza), quando tomamos determinadas relações como essenciais à técnica, presentes desde o seu surgimento enquanto tal, e consideramos mais dignas de serem mantidas, não representando ameaça tão grave para a natureza ou para o homem.

Semelhantemente à reflexão sobre a essência do homem e da natureza, vamos supor que esta forma de ser da técnica mais própria deve estar presente em seu momento inaugural e que, como a análise dos textos mostrou, há uma transformação radical nas relações que constituem a manifestação do fenômeno técnico na transição da antiguidade para a modernidade. Heidegger observa as relações presentes no modelo grego antigo de técnica, no qual ela aparecia ligada a uma forma de abordagem da realidade semelhante à da produção artística, ao brotamento natural e ao ato de conhecer na medida em que são formas de descobrimento, cada qual a seu modo descobrindo algo em especial. No movimento de transformação das relações que compõem a técnica acontece a mudança daquilo que orienta ou confere sentido para este descobrir. Desfazem-se os laços com a origem, a essência não liga mais aquele contexto inaugural ao destino, pois a técnica descobriu a possibilidade de uma espécie de reprodução ou de criação independente de um enraizamento em um contexto inaugural. O que surge é desvinculado de sua concepção primordial, é criado alheio à sua origem. Com a técnica podem-se produzir os mesmos fenômenos em contextos variados, as relações que constituiriam sua essência podem ser recombinações conforme as possibilidades da técnica e de seus equipamentos, e não é necessário um enraizamento a partir da própria origem. Ao contrário, desenvolvem-se formas de alienar e desvincular sob a justificativa de universalizar o acesso ao que é produzido pela técnica e de aumentar o controle e a previsão de seus efeitos.

A técnica em um momento mais inaugural (ainda que não inaugural de modo absoluto e exclusivo), a antiguidade grega, mostra um caráter mais contemplativo em relação à técnica moderna, por se propor a observar a manifestação da realidade em suas possibilidades e a tomar seus desdobramentos como fio condutor e ligação entre uma origem e um destino. Ela busca acompanhar estes desdobramentos ao realizar sua produção. Neste momento a técnica participa do desdobramento da essência da realidade. Este caráter sofreu uma transformação radical, daquela época para a modernidade, e a contemplação do movimento de construção e desenrolar do destino da natureza vêm mingando até o período contemporâneo. Agora a técnica não mais procura precipitar aquele destino, conforme a essência de cada coisa, inclusive porque, como vimos anteriormente, este destino ou a possibilidade que vem à tona já foi desvinculada da sua origem (entendida como força inaugural que reuniu as relações que levaram a um surgimento) pela própria técnica e a essência das coisas já não deixa esta origem em evidência. A própria técnica e a ciência impõem o destino concebido como possível que irá se tornar manifesto para aquilo com que lida. Para isto toma como real apenas o que se encaixa dentro das características que sua forma de abordagem exige (o que pode ser calculado e medido). Ao impor este destino pretensamente controlável e orientar a produção técnica conforme as possibilidades que a mesma descobre, o vínculo entre as relações que conduziram a um surgimento (a origem) é radicalmente enfraquecido. As relações inaugurais não são mais pensadas como origem e base necessária para o enraizamento de qualquer produção, mas como complexo de relações a ser desmembrado, a fim de que cada aspecto mensurável e controlável seja “catalogado”, que seja identificada e medida sua participação na produção em questão, para que cada relação constituinte de sua origem possa ser utilizada tecnicamente para realizar sua reprodução.

Embora as técnicas modernas permitam a troca de informações e de materiais e uma recombinação das relações originárias tecnicamente alienadas, cada região ainda acrescenta detalhes e particularidades de sua cultura àquilo em seu fazer permeado pela técnica. Estas diferenças podem ser apenas vestígios de tradições agonizantes que sobreviveram à globalização promovida pela técnica, ou pode ser que indiquem uma nova forma de enraizamento, a resistência de algo no enraizamento que foi adaptado às relações transformadas pela técnica e que

permanece. Para construir esta interrogação, entram em cena os elementos que a compõem. Entre eles, a questão sobre o que é este enraizamento essencialmente, no sentido de perceber se há outros vínculos de enraizamento não obstante a influência da técnica e; como identificar possibilidades fundamentais e próprias para a realidade, isto é, seria a manutenção das relações essenciais a cada coisa ou sua destruição a possibilidade que se descobrirá se tornando essencial?

O cuidar e proteger foram apresentados como modos da técnica na qual a lida com a natureza não tem o caráter da exploração, porém, em termos práticos, é difícil conceber a concretização de uma lida técnica que não imponha um uso à natureza, mas apenas o precipite, orientando-se por sua essência. Os recursos técnicos com que estamos acostumados e que influenciaram as condições nas quais pensamos e nos desenvolvemos, não se orientam pela essência dos elementos que os compõem. Mesmo pensando no exemplo do moinho de vento como uma técnica que se orienta pelo curso natural do vento, se coloca a questão sobre se todos os elementos envolvidos em sua construção (madeira, palha ou quais sejam) teriam sua essência contemplada nesta produção. Estes elementos se juntam em processos técnicos para servirem a um projeto do homem, mas ainda que este projeto se utilize das possibilidades dos elementos da natureza, ele deve se adequar às regras e dados que ela fornece.

Duas possibilidades foram apresentadas: a de uma técnica que toma parte no desenrolar essencial das coisas e outra que impõe o modo como deve se realizar este desenrolar. A complexidade da questão parece residir na tarefa de distingui-las concretamente e de praticá-las continuamente. Pois, ainda que esta técnica exploradora imponha à natureza suas exigências, ela é submetida aos limites impostos pela natureza (os dados e as regras que a natureza fornece). Esta tensão traz à tona a dificuldade em se distinguir o essencial da natureza. Pois, quando uma possibilidade se realiza, de certa forma, ela passa a participar do desenrolar que, quando perdura, se confunde com suas possibilidades essenciais. As possibilidades que a natureza tem são limitadas por sua essência e, ao se tornarem realidade, passam a participar de sua constituição.

Em toda técnica e em toda arte há alguma interferência do homem no curso dos acontecimentos. Heidegger chamou a atenção para a diferença entre uma que impõe e outra que cuida, mas, em todo caso, parece haver interferência e condução a uma das possibilidades de desenrolar da essência (e nisto o perigo de

que as outras possibilidades obstruídas). Por este lado, a distinção entre um modo explorador, que dispõe da natureza, e um modo alternativo, que cuida e trata, não deve ter como critério apenas a interferência no curso natural de cada elemento envolvido na produção. Mas, identificar o curso natural, essencial, as possibilidades mais próprias à natureza e a nós mesmos em nossa relação com o mundo e botar em curso a atitude que conduz a elas, em termos práticos, permanece um desafio.

Também quanto às possibilidades para o agir humano que agora se manifestam no desenrolar de nosso destino, poderíamos questionar se são próprias ou impróprias e se há algum tipo de interferência conforme a nossa essência e que esteja ao nosso alcance. Para isto a devemos buscar a distinção entre um agir próprio que cuida de nossa essência e um que faz com que nossas possibilidades menos próprias se realizem.

Cabe considerar, apenas como possibilidade, uma compreensão ou ponto de vista que defenda que não estamos em um momento radical de crise, que o destino da destruição e reconstrução das relações é a possibilidade mais própria e essencial de tudo que está em jogo aqui.

Além disso, identificar ou compreender uma possibilidade mais própria e essencial do que outras possíveis nos leva a questionar por que esta não se realizou e sim outra menos própria ou essencial. Retomando o que foi discutido, analisamos o empenho atual em repensar o agir que participa da técnica, inserido em um pensamento que considera que este agir oferece risco a algo que consideramos valioso e que desejamos preservar na relação homem-natureza-técnica. Isto nos conduziu a refletir sobre o que é essencial em cada um dos elementos desta relação, como se este essencial fosse o tal “algo valioso” que se encontra ameaçado. Observamos as relações que Heidegger nos indica como mais essenciais, respectivamente, o pensamento meditativo, o mistério e a produção conforme a essência (o produzir pensado como aquele que deixa cada coisa ser). Estas relações apresentadas como essenciais foram localizadas no contexto temporal e geográfico da Grécia Antiga. A partir deste primeiro esboço pudemos voltar à atenção para outras ramificações da questão, entre elas, a discussão sobre a participação “ativa” de cada um destes fenômenos (homem, técnica e natureza) e sobre o limite de sua ação, isto é, de que maneira cada um destes fenômenos se colocam e estão colocados em um destino que lhes seja próprio.

Este tema pode ser explorado questionando, para cada um deles, quais são seus poderes e limitações. Isto é, de que forma uns agem sobre os outros e de que forma sofrem ações. Queremos pensar o poder do homem contra os efeitos sedutores da técnica: até que ponto ele pode abdicar deste fazer e de seus produtos e se é livre para optar por uma conduta diferente e mais própria. Quanto à técnica, em que medida esta se deixa conduzir pelo pensamento do homem e até que ponto ela é que o conduz e age e, neste caso, como podemos conceber um agir, um influenciar, um poder que não é humano. Da mesma forma a realidade e, especialmente, a natureza têm poder e ação quando se esquivam ao domínio do pensamento e do agir associados à técnica moderna. Agem mostrando e ocultando simultaneamente o que são, mas este movimento lhes é essencial e não pode deixar de acontecer sem comprometer sua essência misteriosa (isto é, sem deixarem de ser o que são essencialmente). Em resumo, as questões a seguir se referem ao poder daquilo que não é humano, (natureza e a técnica) e às possibilidades que temos de interagir, inclusive com o pensamento, com estes elementos que também agem sobre nós e em conjunto conosco.

Vamos observar mais uma vez algumas das considerações de Heidegger sobre o papel e a participação de cada um dos três elementos ou modos de ser selecionados pela análise.

O ser humano é ativo no sentido em que completa e realiza o modo explorador da técnica abordar a natureza, isto é, juntamente à técnica age sobre a natureza. Porém, ele também sofre ações e está constantemente submetido a forças que o orientam. A natureza e a técnica agem sobre o homem requerendo (segundo o filósofo, de modo mais originário do que a outros modos de ser que não o do homem) que este descubra a realidade de modos variados, entre eles, para que a descubra enquanto disponibilidade, quando age junto com a técnica.

Embora estas forças atuem sobre o homem (seu pensar e seu fazer), ele tem a possibilidade de “se salvar” através de um pensamento meditativo, evitando que os objetos técnicos o reivindicuem com exclusividade. Isto é, o homem não pode se privar de descobrir a natureza, porém, através de um esforço de pensamento ele pode ir além do descobrir característico da técnica moderna e não reduzir a esta possibilidade de descobrimento o seu destino. Não pode abdicar por completo da técnica, mas pode se apropriar-se de outra forma da lida com os objetos técnicos

e, principalmente, de pensá-los. Aliás, nesta outra forma de pensá-los está sua possibilidade de se insurgir contra esta reivindicação de exclusividade.

Não só o homem, mas também a essência da técnica possui sua força, sua atividade, seu poder, o qual não é técnico e nem foi criado pelo homem, mas o atinge ultrapassando sua vontade e sua capacidade de decisão. Ela o requer para que complete seu modo de descobrir a realidade e o provoca a aperfeiçoá-la e desenvolvê-la. Não só requer, mas requer com exclusividade, monopolizando, pressionando, limitando e arrastando o homem. A técnica não se limita ao que está sob controle do homem, mas possui um sentido oculto que o afeta e diz respeito, que reclama direito sobre o fazer do homem, mas não é ele mesmo feito pelo homem.

Não obstante sua força e seu poder, a técnica depende em sua essência da relação do homem com a natureza e a natureza, por sua vez, também possui seu poder e sua atividade. É da terra o poder enraizador, que garante a possibilidade do nascimento e da permanência de uma obra, de um trabalho, de uma produção sólida. Este produzir (sólido) depende de uma terra natal na qual se possa estar continuamente e da qual se tire forças. A energia para a manutenção das atividades humanas é tirada da terra, onde já se descobriu que há também energia suficiente para destruí-la. Na antiguidade a natureza e o lugar no qual se permanecia orientavam o fazer do homem, isto é, exerciam sobre ele uma força, conduzindo seu fazer (e seu pensar), mas, como observa Heidegger, esta orientação está sendo substituída quando o homem submete seu fazer exclusivamente à técnica moderna, deixando que ela o oriente. A natureza se descobre, emerge a partir de si (pois tem o produzir em si), aparecendo e, ao mesmo tempo, encobrindo-se. Mas há possibilidades outras para o modo como a natureza aparece e, entre elas, a possibilidade de aparecer como disponibilidade, como fornecedora de energia e de dados calculáveis. A técnica moderna exige e depende de que ela seja assim percebida.

Em resumo, todos estes elementos possuem essencialmente mistério, pois são constituintes da realidade, e todos possuem poderes em sua interação, mas, ao mesmo tempo, não podem abrir mão de suas características essenciais sem que deixem de ser o que são. Heidegger parece sugerir que a possibilidade que cabe ao homem para que não deixe de ser o que é, é pensar de modo meditativo, atentando para o sentido das coisas, sentido que está sendo deixado de lado, negligenciado e

desmembrado, para que suas condições originais se tornem independentes umas das outras e toda produção possa ser “globalizada”, desvinculada de uma origem ou tradição.

Assim como foi essencial para Heidegger elaborar seu pensamento, produzir sua obra, a proposta que parece ter sido esboçada é a de que se reflita sobre a origem e o sentido que cada coisa possui e que pode ser acessado por um pensamento mais próprio, sempre conservando seu mistério essencial. Isto é, cada acesso ao sentido das coisas, cada modo de desencobri-las reconstitui estas coisas sem esgotá-las. Cada possibilidade que as coisas têm de mostrar-se faz parte do desenrolar de suas essências, e não devemos pretender dominá-las por completo no que se mostra para todos nós. Desta forma podemos considerar maneiras de “ver” (a maneira especial como a questão da técnica se mostrou para Heidegger, por exemplo), porém, cada vez que refletimos sobre a essência de algo devemos buscar fazê-lo de modo próprio e enraizado no complexo de relações que gerou este nosso modo especial de ver.

Além desta indicação para que se pense a partir de um enraizamento, buscando relações mais essenciais, deve haver uma espécie de atenção ao desconhecido, ao incontrolável. Não só uma aceitação, mas uma valorização no sentido de uma atribuição de importância. O incontrolável não deve ser negligenciado nem controlado, mas evidenciado conforme suas possibilidades próprias, da maneira que se permite compreender, isto é, limitada pelo que sempre se oculta. Nem tudo que chamamos de real deve ser justificado cientificamente e talvez o que costumamos classificar como incoerência seja apenas o que se mostra sem se deixar encaixar nos esquemas do nosso pensamento habituado à abordagem científica. Quanto a este tópico, considero que a dificuldade aqui seria conceber com alguma clareza até onde podemos ou não conhecer, já que o oculto sempre vem junto com o que se revela. Trata-se da questão sobre se devemos buscar uma compreensão que permita e inclua o mistério ou se este mistério é o limite entre o que se dá e o que não se dá ao pensamento e à compreensão. Diversas são as possibilidades de abordar a realidade, mas mesmo o conjunto delas não abarca toda a realidade, porque o mistério lhe é essencial. Perceber e respeitar este mistério se torna um problema se nos deixamos tomar exclusivamente por uma destas possibilidades. Mesmo quando chamamos de *mistério*, buscando nomear e pensar de modo definitivo o que se oculta, há nisto

um problema, pois o mistério é justamente aquilo que não pode ser dominado pelo pensamento (não significa que buscar um pensamento definitivo seja a única forma de pensá-lo, pois é exatamente de uma alternativa que estamos tratando).

Atribuir importância ao enraizamento, às tradições, à influência do lugar que habitamos, nos encoraja a produzir um pensamento próprio, orientado pelas condições singulares que nos cercam e que compõe o percurso do destino que se descobre, desde o seu movimento inicial. Aquilo que produzimos, sejam pensamentos ou objetos, deve sempre ter em conta seu impulso inaugural em direção ao surgir, seu contexto, sua época e seu lugar, as condições em que seu surgimento acontece e o sentido de seu percurso. Sob este aspecto, o problema que chama a atenção é como pensar o vínculo e a permanência em um contexto de globalização, no qual as tradições de cada cultura são acessadas em contextos variados e reproduzidas nestes. O que foi produzido sob determinadas condições originalmente (qualquer obra feita pelo homem) pode hoje ser reproduzido em um contexto bastante diverso. Em cada um destes contextos podemos tentar identificar sentidos diversos, intenções diversas daquelas que estavam presentes em seu momento inaugural. Se esta diversidade pudesse se perder completamente (se os objetos técnicos e toda a produção humana se tornassem igualmente acessíveis e funcionassem como referência exclusiva para nossas atitudes), futuramente toda produção surgiria em condições exatamente iguais, de maneira previsível, técnica e globalizada. Por outro lado, se esta diversidade permanecer e se tentarmos percebê-la, poderemos buscar o sentido singular de cada surgimento e as possibilidades que compuseram seu percurso. O importante, então, seria nos orientarmos pelas relações fundamentais que geram os acontecimentos, tendo acesso às produções as mais diversas, mas refletindo sobre seu sentido e sobre que destino pode estar adiante se permanecemos nesta direção. Assim, quando nos não nos entregamos à técnica ou algum de seus produtos podemos nos questionar sobre sua origem e sentido a fim de escolher com mais liberdade *se* e *como* estes participarão do desenrolar do nosso destino. Desta forma o homem não deixa de aproveitar possibilidades e poderes descobertos pela técnica, mas deve dedicar e investir atenção para o modo como se relaciona com ela.

Esta mesma atenção se relaciona ao produzir e ao descobrir da realidade, essenciais para a técnica. Ao produzir tecnicamente transformamos a realidade, a natureza, o homem. Pensar cada um dos elementos envolvidos nestas

transformações exige um trabalho do pensamento na direção da origem destes elementos e de seu sentido. Se a técnica aparece como referência ou justificativa para realizar esta transformação, descobre-se um destino possível para tudo aquilo que é afetado nesta transformação. Da mesma forma reduz-se a diversidade (assim como foi dito sobre as tradições culturais), pois todos os possíveis destinos que se encontram em uma produção técnica e que causam esta produção são submetidos à força de apenas um dos participantes desta produção, a saber, a própria técnica. Tudo que interage na produção é disposto em função da técnica, a não ser aquela diversidade que ainda resiste e permanece.

Em um balanço final do que foi dito, destaca-se a questão sobre se realmente é possível que o humano deixe de ser humano. Permanece a dúvida sobre lhe ser possível, tendo ou não esta intenção, perder seu modo mais próprio de abordar a realidade ou trancar a possibilidade de um pensamento meditativo. É possível que este modo mais próprio sempre acompanhe o homem enquanto ele perdurar, da mesma forma que o mistério da realidade pode unicamente ser negligenciado, mas nunca deixar de constituí-la enquanto ela durar. Por último, gostaria de colocar uma vez mais a questão sobre a importância de preservar algo e não deixar que se transforme em outra coisa, desejo que nos leva à preocupação com as transformações radicais que ameaçam toda permanência. É curioso como em nosso contexto de transformações constantes e de busca por inovações surge um pensamento que se inquieta e se incomoda pela possibilidade da própria transformação. Uma transformação que conduz, ao mesmo tempo, a uma destruição e ao surgimento de outro modo de ser, talvez “humano”. Só o tempo vai mostrar se esta transformação pode ser evitada e em que medida, com que cumplicidade da própria natureza e essência humana, ou se, independente de todo o empenho, ela seja inevitável. Restará saber, nesse último caso, quem a testemunhará.